“Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro”

(Título em referência à música “Sujeito de sorte”, um clássico do Belchior regravado por Emicida e Pabllo Vittar com uma introdução marcante)*

Não morrer esse ano só é possível para quem suportou os dias de pequena morte.

Morremos todos os anos, todos os dias, com ou sem pandemia.

Dias de morte são dias de maior desistência diante dos eventos dolorosos da vida.

Dias de morte são dias em que mergulhamos em nossa violência, cultivada irrefletidamente nos menores atos da vida.

Dias de morte são dias de nossa insistência em descartar nossa importância na obra coletiva da família humana.

Dias de morte são dias em que consentimos que pessoas com vidas miseráveis, também em morte, nos convençam de que nossa existência é desprezível e desnecessária.

Dias de morte são dias em que acreditamos que as fontes de amor são esgotáveis e que o desamor prevalece vitorioso.

Esses são dias de morte!

Nesses dias, não é por vida que caminhamos, é por sobrevivência.

Há dias de sobrevivência, dias de dizer para o mundo que também temos um lugar nele!

Ou de ir em busca de pessoas que possam dizer isso ao mundo por nós (essas pessoas existem, elas estão por toda parte).

A vontade de escapar de um mundo que às vezes se mostra inabitável é um fantasma de toda alma humana. Mas a luta para habitá-lo é também o combustível que dá a ela os motivos para seguir.

Sobreviva até que dias de vida sejam possíveis, eles vão chegar e lhe trarão consolo e alívio por não ter cedido ao monstro que quer nos reduzir a uma vida de sobrevida na morte.

Faça isso por mim, faça isso por nós, enquanto não for possível sentir que deve fazer por si.

Outros sentidos que justifiquem sua importância só poderão existir se você resistir e existir, porque sua vida vale a pena e a minha também...e esse é o ponto radical que a tudo justifica e significa. ***Vidas valem a pena!***

Se você perdeu alguém amado para o suicídio, guarda a herança do amor que agora dói no peito (sinta-se ele traído, desprezado, insuficiente ou culpado). Lembra que todos nós estamos lutando contra o suicídio. E se alguém sucumbiu a ele, isso não o faz menos digno, menos amado, menos importante.

Mas é preciso, sim, assumir que nós, você e eu, gostaríamos de ter feito desse mundo um lugar mais amoroso para a permanência de quem se foi.

Por agora, viva a sua vida para reafirmar o valor da vida de quem se foi e comece indo buscar a cura para sua dor, dando-se o direito a um luto que lhe refaça e não que lhe destrua.

Reconstrua-se para dar-se coletivamente como vida para quem ainda está aqui, ao lado, lutando para não se entregar ao suicídio. ***Vidas valem a pena!***

Texto de ***Michelle Silva*** *– coordenadora da Psicologia Clínica do Hospital Risoleta Neves*

Risoleta
Hospital Risoleta Tolentino Neves

http://bit.ly/SetAmareloHRTN